

Empreendedorismo para Crianças e Adolescentes no Brasil: comparação de métodos

Entrepreneurship Teaching Methods Comparison for Children and Teenagers in Brazil

Alessandro Aveni¹

Andrei Simão de Mello¹

¹ Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Resumo

O trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica com o propósito de realizar uma análise comparativa de propostas e de metodologias de ensino de empreendedorismo utilizadas no Brasil. O estudo utilizou quatro casos de ensino para crianças e adolescentes e analisou suas propostas no ensino de empreendedorismo para jovens em situação vulnerável. Foram utilizados modelos de autores e de instituições referenciadas para ter uma amostra significativa, e as informações foram avaliadas com base no método de classificação elaborado por autores americanos, membros do Babson College. O objetivo deste trabalho, analisar quais propostas poderiam ser aproveitadas no ensino de empreendedorismo para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, não apresentou resultado satisfatório. O resultado apontou que a proposta do Sebrae é a melhor, porém não possui foco voltado para a população carente.

Palavras-chave: Empreendedorismo Social. Tecnologia Social. Vulnerabilidade. Ensino de Empreendedorismo.

Abstract

The paper was developed using a bibliographical research to make a comparative analysis of proposals and methodologies of entrepreneurship teaching in Brazil. The study analyzes four cases of teaching for children and teenagers and makes an analysis of the teaching proposals of entrepreneurship for vulnerable children and teenagers. Models, scholars and referenced institutions were searched for a significant sample and the information was evaluated based on the American authors classification method of Babson College. The objective of analyzing which proposals could be used in the teaching of entrepreneurship for children and young people in situations of vulnerability did not give satisfactory result. The result shows that the Sebrae proposal is the best, but it does not have a focus focused on this needy population.

Keywords: Social Entrepreneurship. Social Technology. Vulnerability. Entrepreneurship Teaching.

Área Tecnológica: Propriedade Intelectual. Tecnologias de Ensino

1 Introdução

Atualmente, o empreendedorismo e sua importância econômica e social estão cada vez mais em destaque. Dornelas (2014) observa que se vive na Era do Empreendedorismo e esse tema está no centro de diversas políticas públicas em várias nações. Isso decorre do ritmo intenso de mudanças, tanto no âmbito empresarial quanto no tecnológico. O país e as empresas, em



sentido *lato*, necessitam de profissionais que possam atuar diante de um cenário imprevisível e desafiador, como é natural do contexto econômico e concorrencial no qual se vive.

Dessa forma, esse impulso faz com que cada vez mais jovens busquem no empreendedorismo sua profissão. Atualmente, segundo o Global Entrepreneurship Monitor (2016), 20.1% da população entre os 18 e os 24 anos são empreendedores.

Assim, capacitar crianças e adolescentes é uma das prioridades preconizadas para diversos segmentos do ensino. De tal maneira, expande-se a oferta do ensino de empreendedorismo em termos nacionais. Seus objetivos são variados, indo desde a transmissão das competências, habilidades e atitudes empreendedoras, convencionadas como CHA, até o aprendizado voltado para a abertura de novos negócios. Um grande expoente nessa atividade é o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que desenvolveu em 2014 seu Centro de Referência para Empreendedorismo (CRE), abrangendo ensino de crianças e adolescentes.

Contudo, pode-se observar a existência de diversas outras iniciativas, como o Instituto Fazendo Acontecer, que, por meio de oficinas e de minicursos, busca fomentar o pensamento e as atitudes empreendedoras entre crianças e jovens de forma lúdica. Por sua vez, a Universidade de Brasília (UnB), por meio do Projeto Novos Talentos, ofertou aos jovens de uma escola pública um curso de formação em empreendedorismo que teve como objetivo o desenvolvimento de ideias de negócios.

Mas o problema é que, mesmo ampliando as faixas etárias, não há uma oferta desses cursos para os diferentes segmentos relacionados à renda da população, por exemplo, as faixas mais vulneráveis. Tal população, oriunda de uma dinâmica social própria e com necessidades específicas, muitas vezes, tem como única oportunidade de formação a atuação de entidades do terceiro setor por meio da oferta de cursos e de outras iniciativas.

Assim, o atual trabalho se direciona ao objetivo de avaliar e de comparar várias iniciativas de ensino empreendedor em todas as faixas e, em particular, as voltadas ao ensino para crianças e adolescentes vulneráveis. A hipótese inicial a ser testada é que não há uma metodologia de ensino formalizada e definida no Brasil para crianças e adolescentes vulneráveis que possa ser usada para organizações sem fins lucrativos que objetivam gerar impacto social com educação empreendedora.

O artigo se divide em quatro blocos, sendo o primeiro a metodologia de pesquisa adotada no seguinte trabalho. O segundo faz referência ao terceiro setor e o ensino do empreendedorismo no Brasil usando material bibliográfico. O terceiro faz a comparação entre quatro diferentes métodos encontrados no Brasil de ensino de empreendedorismo para crianças e adolescentes e faz comparações. Um último bloco faz a discussão sobre os resultados. As considerações finais encerram o trabalho.

2 Metodologia

A atual pesquisa é baseada em publicações e em sítios que disponibilizam informações ao público. Compara-se diferentes métodos de ensino de empreendedorismo que abrangem as idades dos 6 anos aos 18 anos. Assim, buscou-se dois autores conhecidos, Dornelas e Dolabela, e o Sebrae como referência para esta análise.

O trabalho avalia os cursos oferecidos com a metodologia de Neck, Greene e Brush (2014) para avaliar o tipo de ensino ministrado. É uma metodologia experimental e qualitativa que depende do juízo do pesquisador. As autoras pesquisaram no Babson College o ensino de empreendedorismo como um método. Dessa forma, segundo seus estudos, existem cinco práticas indispensáveis para se ensinar empreendedorismo: o jogar; a empatia; a criação; a experimentação; e a reflexão.

O jogar refere-se ao trazer para dentro de sala a realidade e forçar os discentes a pensarem em novas resoluções; a empatia é para criar a habilidade do ser humano de se colocar na situação vivida pelos outros; a criação refere-se à necessidade de que o sistema de ensino empreendedor desenvolva diversas oportunidades de estímulo à criatividade; a experimentação é uma fase que exige testes, falseamentos e pesquisas de campo, ou seja, a sala deve se tornar um laboratório; por fim, a reflexão permeia todo o processo.

3 Resultados e Discussão

Na atual seção mostra-se a prática e as metodologias de ensino do empreendedorismo nas suas relações e com o terceiro setor. O que, devido ao perfil de seu público atendido, deve efetivamente desenvolver um ensino diversificado levando em conta sua missão e os impactos que pretende alcançar.

3.1 Ensino e Metodologias de Ensino de Empreendedorismo

O ensino do empreendedorismo no Brasil é tradicionalmente voltado para a criação de empresas tecnológicas e tem como objetivo gerar novas ideias sobre como explorar novas oportunidades de negócios usando a ferramenta do plano de negócios (KIRBY, 2004), algo presente em diversas instituições como o Sebrae.

Mas, segundo McClelland (1972), o desenvolvimento de um empreendedor não pode apenas levar em conta aspectos técnicos e específicos do planejamento de um negócio. Nesse sentido, para Dolabela (2003) ensinar alguém a ser empreendedor não é apenas transmitir conhecimento, mas, trabalhar atitudes, comportamentos, visão de mundo e preparar o aluno para assumir riscos, preferencialmente controlados.

Complementar a isso, de acordo com Aveni (2014), como o empreendedorismo nasce em um ecossistema e com um contexto cultural (*entrepreneur mindset*), seu ensino deve ser voltado para as especificidades locais e para a necessidade de criação de modelos diferenciados. De tal forma, esse modelo de ensino deve se supor adaptável ao local, seus alunos e condições diversas.

Outrossim, o ensino de empreendedorismo deveria residir na fusão das capacidades atitudinais empreendedoras juntamente com a realidade do mercado e da sociedade local, ou seja, uma metodologia própria. Adicionalmente, Fillion e Laferté (2003), que, em análise do *Young Achievement* no Canadá, destacaram os dois pontos anteriores, mas complementou ainda com a necessidade do contato entre futuros empreendedores e seus seniores. Esse contato, segundo o autor, deve ocorrer por meio de feiras, congressos, encontros e etc., visando ao aprendizado de comportamentos, habilidades e atitudes, não somente por conversas, mas pela visualização da ação. Outro aspecto importante desse contato é que o empreendedor é quem melhor en-

tende das condições reais do mercado, público e etc., remetendo, outra vez, ao conhecimento da realidade.

Dessa maneira, a forma de ensino, focado na prática, interligado aos aspectos sociais aos quais sua população está submetida, que promova encontros entre empreendedores e aqueles que pretendem sê-lo, se adequa à educação ativa.

Para esse modelo educacional, segundo Almeida e Bianconcini (2018), seriam essenciais: a oferta de condições de aprendizagem em contextos de incertezas, o desenvolvimento de múltiplos letramentos, o questionamento da informação, a autonomia para resolução de problemas complexos, a convivência com a diversidade, trabalho em grupo, a participação ativa nas redes e o compartilhamento de tarefas. Além desses aspectos, Libâneo (1994) observou que uma educação só pode se caracterizar como ativa se estiver ligada à realidade que cerca a “escola”.

A educação ativa pode envolver variadas metodologias, como: *Blended Learning*, Sala de Aula Invertida, *Peer Instruction*, Método do Caso, Aprendizagem Baseada em Problemas, Aprendizagem Baseada em Projetos, Pesquisa, Gamificação, *Design Thinking* e Avaliação por Pares. Tais métodos têm a função de simular a realidade, de forma a construir o conhecimento do aluno diante do mundo real.

Contudo, a metodologia deve ainda ser voltada para a realidade. Assim, a metodologia tem de referenciar temas do dia a dia empreendedor. Algo visto no método utilizado em Berkeley (*The Berkeley Method of Entrepreneurship, BMoE*)¹, que usa como temas geradores: 1) reconhecimento de oportunidades, atributos e cultura empreendedora; 2) *storytelling* e gestão de *stakeholders*; 3) *team building*; 4) desenvolvimento de produtos orientados ao consumidor; 4) financiamento, comercialização de produtos de base tecnológica; e 5) *pitchs*.

Por fim, a fusão entre métodos ativos e temas geradores permite criar o perfil de ensino descrito por Neck, Greene e Brush (2014), uma vez que a empatia se encontra no contato com outrem, o jogar, o experimenta e o criar estão presentes em métodos ativos. E a reflexão é inerente ao percurso letivo, estando presente em todos os pontos.

3.2 Terceiro Setor e Ensino de Empreendedorismo

O terceiro setor, segundo Silva (2010), seria aquele que tem o bem coletivo e social como meta prioritária. Então, Herckert e Silva (2008) salientaram que esse setor e seus componentes se caracterizam em gestão por conselhos (democrática e colegiada), natureza privada, não objetivação de lucro, independência e por voluntariado.

Singer (2002) conceituou o terceiro setor como formas democráticas e coletivas de produzir, distribuir, prestar serviços, ajudar, poupar, segurar, etc. Segundo o autor, os impactos sociais atribuídos ao terceiro setor são, na verdade, válidos somente nas formas de associativismo que pertencem à economia solidária. Esse é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou essa propriedade associada ao capital e ao direito à liberdade individual.

Nesse sentido, sobre a dialética entre o mercado e a divisão de setores, Kaldor (2003) a descreveu como um processo de negociação ou de interação comunicativa entre reguladores e governados, entre os movimentos sociais globalizados e os governos.

¹ Pode ser consultado em: <<https://scet.berkeley.edu/berkeley-method-entrepreneurship/>>.

Com base nessas considerações, o ensino do empreendedorismo no terceiro setor e, ainda mais, na economia solidária não pode ser orientado somente para negócios ou desenvolvimento de tecnologias para o mercado, pois deveria ser orientado para a realidade das comunidades que estão inseridas. Para isso, as metodologias ativas, pois parte da necessária contextualização com a sociedade que cerca o discente. Porém, é importante que haja um ensino voltado para a ética e para a cidadania e que apoie os projetos de vida de seus beneficiários.

A aprendizagem para o empreendedorismo no terceiro setor deve estar ligada à missão, aos valores e à organização deste setor; e, ainda, deve estar relacionada aos aspectos práticos do empreendedorismo, como a gestão financeira, o *marketing* e o *networking*, para que o empreendedor social possa gerar valor para sociedade e obter aumento do seu conhecimento e do capital humano.

Uma possibilidade inicial nesse sentido é orientar os alunos para empreendimentos baseados em profissões. A capacitação de um profissional visando ao seu lado empreendedor é mais simples que a capacitação em gerir uma organização complexa como uma empresa.

3.3 Práticas de Ensino de Empreendedorismo para Crianças e Adolescentes no Brasil

Nesta seção serão avaliados quatro métodos de ensino para crianças e adolescentes. Os métodos foram analisados com base em material bibliográfico contido nos sítios e no material escrito dos autores, buscando elementos que possam ser colocados na avaliação proposta na metodologia.

3.3.1 Dornelas – Programa do Instituto Fazendo Acontecer

O Instituto Fazendo Acontecer começou a ser desenvolvido em 2009 com o trabalho do professor José Dornelas. Contudo, sua fundação ocorreu em 2016, desde então tem ajudado o incentivo do empreendedorismo entre crianças e adolescentes por meio de oficinas extracurriculares.

O foco de tais oficinas reside na aquisição de competências empreendedoras que são ensinadas aos alunos com ludicidade e muita prática. O que se procura é moldar as reações discentes com relação aos problemas corriqueiros do percurso empreendedor, como a falta de tempo e de recursos. Dessa forma, todas as oficinas utilizam desafios oriundos de experiências reais.

A metodologia proposta se divide em duas formas de aplicação a “Pontual” e a “Campanha”. A primeira é definida pelo Instituto Fazendo Acontecer (DORNELAS, 2016) como apenas um encontro em grupo no qual se resolve um desafio determinado para a aquisição de alguma competência empreendedora.

O modo campanha é realizado em cinco encontros subsequentes, em cada um é dado o *briefing* do desafio a ser cumprido. Busca envolver um arcabouço superior de habilidades e, ainda, é acompanhado por missões que são atividades extraclasse que devem ser realizadas. A missão cumpre a função de reflexão do que foi feito ou de prelúdio para o próximo desafio, cabendo ao professor definir.

No Quadro 1 estão apresentados exemplos de um desafio e de missão.

Quadro 1 – Exemplos de um desafio e uma missão

DESAFIO		MISSÃO
Título	Minha Própria Casa	Passando pra Frente
Tema	Falta de Habitação.	Utilizar algo que não seja mais usado em casa em uma venda, transformando-o em lucro.
Objetivo	Construir uma casa com matérias disponibilizados.	Hora de fazer as coisas girarem: venda algo usado seu ou da sua casa, em bom estado, por um preço justo.

Fonte: Adaptado Dornelas (2016)

Nota-se que, no desafio, a prioridade é a otimização de recursos, o tempo e o planejamento e, na missão, o objetivo reside em exercitar algumas das habilidades mais comuns em bons empreendedores, como gerenciamento de estoques, precificação e vendas.

Nesse sentido, é importante observar que na proposta de Dornelas (2016) existem mais de 51 modelos de desafios e de missões a serem cumpridos. Todos são divididos em área de concentração por habilidades do empreendedor, como bom de papo (comunicação), detetive (busca por oportunidades), inventor (criatividade), joga para o time (trabalho em equipe), líder, mão na massa (determinação), visionário, plano infalível (planejamento), se vira sozinho e transformador (busca novas utilidades).

Ao fim de cada desafio, os alunos são premiados de acordo com as habilidades demonstradas, de forma a dar um reforço positivo ao esforço demonstrado. Ao término da campanha existe o desafio final, em que os discentes devem formar um grupo, cada um dos seus membros deve ter alguma das dez habilidades já descritas. Assim, o que se espera é testar as habilidades de convencimento para formar a equipe de gestão, e geri-la, e a de planejamento estratégico. Todos os encontros do desafio seguem uma lógica em comum de desafios seguidos por missões.

Em relação à proposta, esta apresentou como aspectos positivos sua praticidade e ludicidade aplicadas na criação de jogos que buscam fazer com que seus alunos atuem de forma empreendedora, seja vendendo algo que não usa, organizando um passeio ou mesmo fomentando o trabalho em equipe, ações inerentes ao empreendedor.

3.3.2 Dolabela – Pedagogia Empreendedora

A metodologia de “Pedagogia Empreendedora” tem o sonho dos alunos como base que deverá orientar o trabalho em sala. Esse pressuposto básico nasce, segundo o Dolabela (2003), do fato de que o sonho impulsiona o empreendedor a adquirir habilidades, competências e atitudes.

Dolabela (2003) afirma que cabe ao empreendedor descobrir quais meios devem ser utilizados para realizar o que se deseja e, depois disso, aprende-se sobre o que se deseja. Assim, cabe ao professor o papel de estimulador e de orientador o percurso escolhido.

Contudo, o processo de construção do sonho envolve o autoconhecimento de suas capacidades e dificuldades. Então, o processo deve ser permeado por quatro habilidades atribuídas aos empreendedores: 1) Saber ser, qual é a intenção empreendedora do aluno; 2) Saber fazer, quais as habilidades e conhecimentos que o aluno tem para alcançar seus objetivos, caso não as tenha, como obter os recursos necessários; 3) Saber conviver, criação de um *networking* em prol do que se pretende; 4) Saber conhecer, auto aprendizado.

É válido observar que o Dolabela (2003) afirma que a educação empreendedora não deve orientar o discente apenas no caminho da abertura do negócio, mas nas competências, nas habilidades e nas atitudes empreendedoras. Assim, a fase inicial da metodologia se inicia pelo “Mapa dos Sonhos”, formulado por meio de duas questões, “qual e como vai realizar seu sonho?” e “quais as estratégias e os suportes você utilizará para realizá-lo”.

A partir disso, seguem-se 15 etapas que se dividem durante a duração do curso, que pode chegar a um ano: 1) Concepção do sonho; 2) Autoconhecimento, quais as habilidades e conhecimentos que o aluno tem para sua realização; 3) Rede de relacionamento; 4) Conhecimento do ambiente do sonho, estudo das ameaças e oportunidades; 5) Análise do sonho em relação ao aluno, o que esse sonho pode oferecer; 6) Análise do sonho em relação aos outros, o que se oferece para a sociedade; 7) Estratégias para a implementação do sonho; 8) Estudo de viabilidade para a concretização; 9) Estratégias; 10) Estudo de viabilidade do sonho, mas agora utilizando o potencial contido na rede de contatos; 11) Como conseguir recursos, conhecimentos, financeiros e etc.; Liderança, como convencer outras a apoiar e acreditar no sonho; 12) Organização dos recursos; 13) Quando será possível realizar o sonho, relativo ao quadro de metas traçadas; 14) Exposição e explicação do mapa do sonho, levando em conta todos os aspectos para implementá-lo, e; 15) Próximos sonhos.

Sua metodologia transforma o aluno em agente transformador de sua realidade e, por conseguinte, da realidade que o cerca. Outro aspecto positivo é que essa é uma metodologia voltada para a prática em sala, o que incide nos baixos custos associados com o processo de ensino, pois não há necessidade de contratação de consultores externos ou mesmo grandes gastos em material algo bastante positivo, uma vez que nem todas organizações do terceiro setor possuem disponibilidade financeira para tanto.

Seus conteúdos abordam diversos aspectos do planejamento, da criação de uma rede de colaboradores, levantamento de necessidades, visualização de oportunidades etc. Mas em momento algum utiliza a prática, todas as iniciativas permanecem apenas escritas e são avaliadas apenas de forma teórica.

3.3.3 Sebrae

O Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE)² foi criado em 2014 para consolidar uma atuação sistemática e organizada de ações de educação empreendedora da instituição junto aos potenciais empreendedores de todo o país. Segundo os dados do Sebrae (2018), entre 2014 a 2017, foram capacitados 3.267.753 estudantes e 119.825 professores de 5.787 instituições de ensino parceiras de todo o país

No PNEE é fundamental o conceito do potencial empreendedor que é o indivíduo que não tem negócio próprio e nem está envolvido em uma estruturação. Esse é o personagem com o qual o Sebrae busca fomentar o empreendedorismo e desenvolver suas capacidades empreendedoras. No Programa, é atendida uma parte desse segmento, que é o estudante regularmente matriculado na educação básica, superior ou em cursos da educação profissional, além de jovens atendidos por outras instituições (ONGs, por exemplo) e que não estão matriculados no ensino formal.

² Este Programa pode ser consultado em: <https://www.google.com.br/search?q=programa+nacional+educa%C3%A7%C3%A3o+sebrae&rlz=1C1AFAB_enBR501BR526&oq=programa+nacional+educa%C3%A7%C3%A3o+sebrae&aqs=chrome..69i57.15432j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

O modelo de educação escolhido favorece metodologias criativas, linguagem adequada e compromisso com a realidade local. O programa possui um portfólio com produtos e serviços para a educação básica e superior, além da educação profissional.

São quatro os eixos previstos no programa:

- a) Ensino Fundamental: Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP).
- b) Ensino Médio: Curso Despertar, Curso Formação de Jovens Empreendedores e Curso Crescendo e Empreendendo.
- c) Ensino Superior: Desafio Universitário Empreendedor; Disciplina de Empreendedorismo; Palestra “Empreendedorismo em Dois Tempos”; Simpósio de Educação Empreendedora; Programa de Mentoria e *Smart Hacklab*.
- d) Educação Profissional: Pronatec Empreendedor e Projeto Sebrae Aprendiz Empreendedor: Aprender agora e empreender no futuro.

Para atender os estudantes do Ensino Médio, há três cursos: Formação de Jovens Empreendedores, Despertar e o Crescendo e Empreendendo. A Formação de Jovens Empreendedores (FJE)³ estimula nos participantes o desenvolvimento das características do comportamento empreendedor. O curso orienta os estudantes a reconhecerem seu potencial realizador e os incentiva a desenvolver uma postura empreendedora, para que planejem o futuro procurando encontrar e aproveitar oportunidades de integração no mercado de trabalho ou na criação do seu próprio negócio, caso seja essa sua opção. O curso está estruturado em seis oficinas complementares e sequenciais; conexões, oportunidades e desafios; eu; Jovem Empreendedor; planejar para alcançar resultados; desafio empreendedor; apresentação do Plano de Negócios para o público externo; a Caminho do Futuro. A capacitação dos professores é realizada ao longo de 40 horas. O curso é aplicado em 60 horas presenciais com os estudantes.

O curso Despertar tem como objetivo estimular o empreendedorismo entre jovens estudantes do ensino médio, transmitindo-lhes uma visão de mundo abrangente, para que possam identificar suas potencialidades e descobrir novas oportunidades. A metodologia proporciona que os estudantes sejam estimulados a despertar para uma visão ampla do empreendedorismo, que engloba a cooperação, a cidadania e a ética. Ao final do curso, espera-se que eles estejam mais proativos e comprometidos com o seu desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional. O curso está dividido em 22 encontros presenciais em sala de aula (44 horas), atividades de campo (16 horas) e a realização da Feira do Empreendedor (10 horas). A capacitação dos professores é realizada em 32 horas.

O Crescendo e Empreendendo tem como objetivo provocar uma discussão com jovens sobre trabalho, negócio e empreendedorismo. Pretende-se que ele conheça esse universo e se predisponha a identificar oportunidades por meio da adoção de atitudes empreendedoras. Está dividido em três encontros: Descobrimos Atitudes Empreendedoras, Empreendedorismo na Vida, no Mundo do Trabalho e dos Negócios e, por fim, Pensando no Futuro. A capacitação de professores tem duração de 23 horas.

³ É possível consultar este programa em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/educacao-empreendedor-no-ensino-medio,358aa15d81d36410VgnVCM200003c74010aRCRD>>.

Ao final, o curso *Despertar para ensino médio* mostra que além das oficinas é necessária uma reflexão sobre o que é empreendedorismo. O empreendedorismo vai além de abrir uma empresa, envolve cooperação, ética e cidadania. Há, no final, a reflexão sobre *Crescendo e Empreendendo* que procura provocar discussões e questionamentos sobre o significado do trabalho, negócio e empreendedorismo. Isso acontece também com oficinas que trabalham: descoberta das atitudes empreendedoras; entendimento do empreendedorismo na vida, no trabalho e nos negócios; e de olho no futuro.

3.3.4 Universidade de Brasília: Jovens Talentos

O projeto foi desenvolvido em 2014 e atuou nas áreas de Física e Empreendedorismo. Foi dividido em dois subprojetos: Subprojeto 1 “Instituto de Física/UnB e Escola Básica”; e Subprojeto 2 “Desafio Empreendedor Júnior nas dependências do CDT/UnB”. Esses subprojetos, nos anos de 2014 e 2015, contaram com a participação de alunos de graduação, professores-pesquisadores, alunos e docentes da educação básica do Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN).

A seguir, no Quadro 2, pode-se observar que o projeto contou com significativa participação de todos os segmentos escolares.

Quadro 2 – Índice de participação da comunidade escolar

PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR NO PROJETO	
Professores em cargo de Gestão: 7	Participação do Segmento: 2 (28,5%)
Professores em Sala de Aula: 28	Participação do Segmento: 12 (42,8%)
Total de professores do colégio à época: 35	Participação total do Segmento: 14 (40%)
Total de alunos do colégio á época: 846	Participação total do Segmento: 160 (18,9%)

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo (2018)

O projeto teve como objetivo a capacitação em empreendedorismo de professores e de alunos. Os professores foram capacitados em um minicurso e, após seu término, transmitiram o que foi aprendido aos discentes que organizaram seus planos de negócios.

Para isso, as capacitações tiveram como conteúdos: 1) Competências Empreendedoras, na qual se explicaram as características comportamentais de gestão do empreendedor e se desenvolveu a ideia do negócio, seu produto ou processo; 2) Plano de Negócios, momento em que se define a missão, a visão, a personalidade jurídica, nesse momento também foram realizadas a Análise SWOT e a estruturação do plano; 3) Plano de *Marketing*, com enfoque em análise e pesquisa de mercado e nos 4Ps, produto, preço, praça e promoção; 4) Plano Financeiro que desenvolveu a estruturação financeira.

Teve como atividades: 1) Oficinas pedagógicas para elaboração e adaptação de material e conteúdo; 2) Minicurso de Introdução à Atividade para os docentes da escola; 3) Capacitação dos alunos (realizada pelos professores que frequentaram o minicurso); 4) Jogos no Laboratório de Ambientes de Interações Virtuais para Experiência (ITAE); 5) Apresentação da peça “Tempo de Escolhas”; 6) Participação dos discentes na 6ª Feira de Negócios e Inovação da UnB; 7) Exposição dos trabalhos na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2015 (SNCT);

8) Participação dos docentes do CEAN na Feira do Empreendedor (FE/Maceió) e no Congresso Paraibano de Excelência em Gestão (CONPEG).

4 Análise

Com base na metodologia proposta, o resultado da comparação está sintetizado no Quadro 3:

Quadro 3 – Síntese dos resultados

Projeto Instituto Fazendo Acontecer	FATORES				
	Jogar	Empatia	Criação	Experimentação	Reflexão
	X		X	X	
Pedagogia Empreendedora			X		
SEBRAE	X	X	X	X	X
UnB	X	X		X	

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo (2018)

Dos resultados, pode-se dizer que, nos autores procurados nesta pesquisa, não há uma oferta de ensino específico para crianças e adolescentes vulneráveis. O tipo de ensino de empreendedorismo é ligado a modelos que, em muitos casos, não são alcançáveis para esses sujeitos. A prática mais abrangente e completa foi a do Sebrae. Porém, há alguns elementos frágeis na construção do Sebrae que podem ser melhorados, como estes:

O ensino Sebrae não é diferenciado por tipo de empreendedor. Em particular, não é orientado para o segmento de baixa renda, para os que vivem em vulnerabilidade e que estão envolvidos em uma economia informal. Não orienta em relação a segmentos vulneráveis e educação no terceiro setor, economia solidária e organizações religiosas;

O Sebrae não se engaja na realização e nos resultados, pois a instituição fornece somente o apoio pedagógico.

A prática prevista em todos os manuais deve ser organizada pela instituição de ensino que adota o modelo.

O modelo não esclarece a relação entre profissional e empreendedor.

Em relação à pergunta inicial, se há um manual de ensino de empreendedorismo social e em particular para organizações da sociedade civil que visam a um ensino de impacto social, deve-se confirmar a ausência dessa ferramenta específica em todas as propostas avaliadas e citadas.

5 Considerações Finais

Como é possível observar ao longo do trabalho, todas as metodologias abordadas apresentam práticas diferentes e efetivas dentro de seus respectivos contextos. Contudo, quando se utilizou o método de análise de Neck, Greene e Brush (2014) e levou-se em conta os aspectos

características das instituições do terceiro setor, seu público, localidade, missão e objetivos, avaliou-se que ainda não existem propostas plenamente adequadas.

Em relação ao jogar, apenas uma das propostas não utiliza o jogo como ferramenta educacional, em maior ou menor grau todas as demais o fizeram. Contudo, o jogar, embora seja uma metodologia lúdica e de impactos positivos, só se torna uma metodologia ativa e, portanto, empreendedora por meio do uso com a contextualização.

Essa falta de articulação entre contexto e sala de aula foi o gargalo encontrado em diversos pontos da pesquisa e impacta, sobretudo, na reflexão. O processo reflexivo dentro do contexto ao qual se insere o jovem em situação de vulnerabilidade é indispensável, não somente para a formação de um empreendedor, mas para possibilitar o entendimento dele e possibilitar sua possível intervenção.

Por sua vez, em relação à empatia, um dos aspectos mais encontrados foi o fato de que as metodologias carecem do estímulo ao contato entre empreendedores e discentes, de sugestões de como chamar o segmento empresarial no ato de transformar o ensino em aplicação prática.

Em relação à experimentação, embora a maioria simule experiências de vendas, desenvolvimento de ideias de negócio, elas ocorrem em ambientes controlados, sem contatos com a realidade empreendedora que circunda os alunos. Esse tipo de atividade pode ser realizada por meio de pesquisas de campo, de organização de bazares, de investigação, proposição e aplicação, dentro das possibilidades e dos conteúdos em sala sobre os problemas reais da comunidade.

Essas atividades possibilitam a interligação com a realidade, com problemas sociais e a busca por soluções, fomentam a criação e são princípios basilares no ensino de empreendedorismo e de organizações do terceiro setor, pois formam um empreendedor consciente e socialmente ativo. Nesse sentido, nenhuma das propostas apresentou a ética como conteúdo formativo fundamental, não apenas ao empreendedor, mas para todos, em especial, aqueles que, por circunstâncias alheias a sua vontade, se encontram expostos à criminalidade e a outras mazelas.

Em relação à inclusão social, um dos princípios do terceiro setor, as propostas não oferecem soluções e sugestões. Assim, pode-se dizer que há falta no Brasil, como colocado na hipótese inicial do trabalho, de uma metodologia registrada que trata do ensino de empreendedorismo para população vulnerável.

Por fim, sugere-se, para uma nova pesquisa, que tecnologias e práticas de ensino desse tipo possam ser pesquisadas avaliando ações de organizações da sociedade civil que atuam para fins de educação e são sem fins lucrativos. Uma tecnologia social desse tipo pode ser valiosa e replicada para disseminar a prática de ensino de empreendedorismo também nas faixas de renda mais baixas da atual população brasileira.

Referências

- ALMEIDA, M.; BIANCONCINI, E. Apresentação. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Comp.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018. Cap. 1. p. 5-13. (Desafios da Educação).
- AVENI, A. **Empreendedorismo Contemporâneo: teorias e tipologia**. Brasília: Atlas, 2014. 198 p.
- DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. 316 p.

- DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003. 1 v.
- DORNELAS, J. **Empreendedorismo**: Transformando Ideias em negócios. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014. 267 p.
- DORNELAS, J. **Fazendo Acontecer**: oficinas lúdicas de empreendedorismo para crianças e adolescentes. São Paulo: Empreende, 2016. 1 v.
- FILION, L. J.; LAFERTÉ, S. **Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo**. Tradução de Fillion e Laferté. Carte routière pour un Québec entrepreneurial. Chaire d'entrepreneuriat Rogers – J.A.Bombardier. Rapport remis au Gouvernement du Québec. HEC Montréal, 2003.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório global, 2016. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- HECKERT, C. R.; SILVA, M. T. Qualidade de serviços nas organizações do terceiro setor. *Production, [S.l.]*, v. 18, n. 2, p. 319-330, 2008.
- KIRBY, David. Entrepreneurship education: can business schools meet the challenge? **Education + Training**, [S.l.], v. 46, n. 8/9, p. 510-519, 2004 .
- KALDOR, M. The idea of global civil society. **International Affairs**, Oxford University Press (OUP), v. 79, n. 3, p. 583-593, maio, 2003.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994. 263 p. (Formação do Professor).
- McCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva**: realização e progresso social. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972 .
- NECK, H. M.; GREENE, P. G.; BRUSH, C. G. **Teaching Entrepreneurship**: a Practice-Based Approach. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2014. 352 p.
- READY, D. A.; CONGER, J. A.; HILL, L. A. **Are You a High Potential?** 2010. Disponível em: <<https://hbr.org/2010/06/are-you-a-high-potential>>. Acesso em: 1º jun. 2010.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). Programa Nacional da Educação Empreendedora (PNEE). 6 de março de 2018. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/Programas/programa-nacional-da-educacao-empreendedora-pnee,2c7cd24a8321c510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 5 out. 2018.
- SILVA, C. E. G. Gestão, legislação e fontes de recursos no terceiro setor brasileiro: uma perspectiva histórica. **Revista de Administração Pública**, [S.l.], v. 44, n. 6, p. 1301-1325, dez. 2010.
- SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de (Org.). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Sobre os autores

Alessandro Aveni

E-mail: alessandro@unb.br

Doutor em Ciências Políticas pela Universidade de Milan e em Administração pela Universidade Comercial Luigi Bocconi, ambas na Itália. Bacharel em Administração e Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Estratégia Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Endereço profissional: Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT-UnB). Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília, DF. CEP: 70910-900.

Andrei Simão de Mello

E-mail: andreisimao@yahoo.com.br

Mestrando em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia e Inovação. Graduado em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB).

Endereço profissional: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF). Centro de Educação da Primeira Infância (CEPI) Gavião. Setor de Habitações Individuais Norte A e B, Brasília, DF. CEP: 71530-250.